Apolo, Erasto, Gaio, Aristarco

I

Entre os nomes próprios que se encontram no capítulo XVIII dos Atos dos Apóstolos, eis um novo que deve fixar a nossa atenção: é o de Apolo. Depois de deixar Corinto, são Paulo chegou a Éfeso, onde deixou seus fiéis coadjutores, Priscila e Áquila, e depois partiu para Jerusalém.

> *E veio a Efeso hum Judeo por nome Apólio, natural d'Alexandria, homem eloquente, mui versado nas escrituras. Este era instruido no caminho do Senhor: e fallava com fervor de espírito, e ensinava com diligencia o que pertencia a Jesus, conhecendo sómente o baptismo de João.*

II

> *Este pois começou a fallar com liberdade na synagoga. Quando Priscilla, e Aquila o ouvirão, o levárão consigo, e lhe declarárão mais particularmente o caminho do Senhor. E querendo elle ir a Acaia, havendo-o animado a isso os irmãos, escreverão aos discípulos, que o recebessem. Elle tendo alli chegado, foi de muito proveito para aquelles, que havião crido. Porque com grande vehemencia convencia publicamente aos Judeos, mostrando-lhes pelas escrituras, que Jesus era o Christo.*

III

Como Apolo era originário de Alexandria, supõe-se com razão que fora instruído nas Escrituras na célebre escola fundada por são Marcos, primeiro Apóstolo dessa Igreja. Mas, se conhecia bem o Antigo Testamento, se sabia fazer valer com eloquência as provas da divindade de Nosso Senhor, era menos versado no conhecimento do Evangelho.

Assim, era ainda catecúmeno, tendo recebido apenas o batismo de são João Batista: sabe-se que esse batismo era um compromisso público de penitência e uma preparação para o verdadeiro

batismo cristão.

IV

Para completar sua instrução, Priscila e Áquila o receberam caridosamente em casa e lhe deram as lições necessárias para fazer valer com mais segurança os talentos que Deus lhe dera. É preciso notar de passagem a humildade desse grande orador. Apolo não hesita em pôr-se, como criança, na escola desses humildes discípulos. Deus abençoa essa disposição, como sempre abençoa as almas humildes.

V

Bem instruído nas verdades evangélicas, Apolo veio a Corinto, onde pregou com o mesmo êxito que em Éfeso.

Sem querer, excitou tal entusiasmo entre os fiéis de Corinto que daí resultou uma espécie de divisão.

Algo mais ou menos semelhante acontece ainda hoje. Apaixona-se a gente por um pregador da moda: só se vê ele, exalta-se acima de tudo, e olha-se com uma espécie de desdém os que não partilham a admiração, por vezes pouco refletida, que lhe votaram.

VI

Sabendo o que se passava, são Paulo escreveu aos Coríntios para sufocar esse germe de discórdia nascente.

> *Porque de vós, irmãos meus — diz-lhes —, se me tem significado pelos que são de Chloe, que ha contendas entre vós. E digo isto, porque cada hum de vós diz: Eu na verdade sou de Paulo: e eu de Apollo: pois eu de Cefas: e eu de Christo. Está dividido Christo? Por ventura Paulo foi crucificado por vós? ou haveis sido baptizados em nome de Paulo?*

VII

> *Por quanto havendo entre vós zelos, e contendas: não he assim que sois carnaes, e andaís segundo o homem? Porque dizendo hum: Eu certamente sou de Paulo. E outro: Eu de Apollo: não se está vendo nisto que sois homens? Que he logo Apollo? e que he Paulo? São huns ministros d'aquelle, a quem crestes, e segundo o que o Senhor deo a cada hum. Eu plantei, Apollo regou: mas Deos he o que deo o crescimento. Assim que nem o que planta he alguma cousa, nem o que rega: mas Deos, que dá o crescimento.*

VIII

A divisão entre os fiéis de Corinto viera de que, para uns, Apolo pregava melhor que são Paulo e, encantados com sua eloquência, gloriavam-se de ser seus discípulos. São Paulo não o ignorava, mas ele também poderia ter pregado com eloquência igual e até superior à de Apolo. Não o quisera.

Para dar uma lição a seus caros Coríntios, descreve-lhes:

> *Porque não me enviou Christo a baptizar, mas a pregar o evangelho: não em sabedoria de palavras, para que não seja feita vã a cruz de Christo. EU, quando fui ter comvosco, irmãos, fui não com sublimidade de estilo, ou de sabedoria, a annunciar-vos o testemunho de Christo. [...] E eu estive entre vós em fraqueza, e temor, e grande tremor: tanto a minha conversação, como a minha pregação não consistiu em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração de espirito, e de virtude: para que a vossa fé não se funde em sabedoria de homens, mas na virtude de Deos.*

IX

Essas humildes explicações do grande Apóstolo puseram fim às contendas e rivais preferências. São Paulo não teve nenhum ciúme de Apolo, por quem conservou sempre a maior estima e o mais terno apego.

Muito tempo depois, escrevendo a Tito, diz-lhe:

> *Quando eu te enviar a Artemas, ou a Tyquico (para que durante a vossa ausência cuidem da Igreja de Creta), apressa-te a vir ter comigo a Nicópolis: porque tenho determinado passar alli o inverno. Envia adiante a Zenas doutor*

> *da lei, e a Apollo, procurando que nada lhes falte.*

O Apóstolo pede Zenas e Apolo para ajudá-lo na pregação: Zenas, porque, sendo doutor da lei, pode muito para esclarecer os judeus pelas Escrituras; Apolo, porque é um pregador eloquente. Tal é a conduta dos santos: tal deve ser a nossa.

X

Enquanto Apolo evangelizava em Corinto, são Paulo pregava em Éfeso. Era o ano 57 de Nosso Senhor, décimo quinto de são Pedro em Roma e primeiro do reinado de Nero. Todos os dias o infatigável Apóstolo ensinava na escola de um certo Tirano e confirmava sua doutrina com milagres esplêndidos.

Daí resultava que grande número de pessoas se convertiam, confessavam seus pecados e traziam seus livros de magia, que queimavam publicamente.

> *Calculando o seu valor — diz o Texto Sagrado —, achárão que montava a cincoenta mil dinheiros,*

isto é, à soma de cinquenta mil francos, talvez mais.[1] Esse número verdadeiramente assustador mostra em que profundas superstições estavam mergulhados os habitantes de Éfeso.

XI

Essas numerosas conversões não agradavam aos operários que trabalhavam na fabricação de ídolos. Sabe-se que Éfeso era célebre por seu templo de Diana. Ora, um dos principais ourives da cidade, chamado Demétrio, fazia em prata pequenos templos de Diana, o que dava considerável ganho aos operários.

Reuniu-os, com outros que trabalhavam em semelhantes obras, e lhes disse:

> *Varões, vós sabeis que o nosso ganho nos resulta d'este artifício: e estais vendo, e ouvindo, que não só em Efeso, mas em quasi toda a Asia este Paulo com as suas persuasões aparta do nosso culto muitas gentes, dizendo: Que não são deoses os que são feitos por mãos de homens.*

XII

> *Pelo que não sómente correrá perigo de que esta nossa profissão venha a ficar em descredito, senão que tambem o templo da grande Diana será tido em nada, e até começará a cair por terra a magestade d'aquella, a quem toda a Asia, e o mundo adora.*

> *Ouvindo isto, se enchêrão de ira, e levantárão hum grito, dizendo: Viva a grande Diana dos Efesios. E se encheo toda a cidade de confusão, e todos á huma arremetêrão ao theatro, arrebatando a Gaio, e a Aristarco Macedonios, companheiros de Paulo.*

Todos gritavam diversamente, e a maioria não sabia por que estava reunida. É o que ainda acontece hoje nos motins. As multidões vociferam, quebram, derrubam e fazem o mal sem saber por quê.

Prenderam, pois, dois companheiros de são Paulo, Gaio e Aristarco; arrastaram-nos ao teatro e lhes teriam feito mau trato sem o socorro de um magistrado chamado Alexandre, que acabou por aplacar a sedição. São Paulo quis ir ao teatro, onde o povo estava reunido, mas impediram-no e, para não expor inutilmente a vida, partiu para a Macedônia.

XIII

Neste capítulo XIX apresentam-se três nomes sobre os quais é preciso dar alguns pormenores. Acabamos de ouvir os de Gaio e Aristarco. Alguns versículos antes, são Paulo nomeia Erasto, que envia à Macedônia: *«E enviando a Macedonia dous dos que lhe ministravão, Timóteo, e Erasto»*. Comecemos por este último.

Erasto era o questor da cidade de Corinto. São Paulo o fez partir para a Macedônia a fim de preparar-lhe os caminhos e recolher as esmolas destinadas aos cristãos de Jerusalém.

Erasto desempenhou religiosamente a sua comissão. Seu zelo e suas virtudes o fizeram nomear bispo de Filipos, onde teve a ventura de receber a coroa do martírio.

> *No dia vinte e seis de julho — diz o Martirológio Romano —, em Filipos, natividade de santo Erasto, que foi ordenado por são Paulo bispo dessa cidade,*

> *onde foi martirizado.*

XIV

De Gaio só sabemos uma coisa: que era macedônio. Mas, sendo companheiro de são Paulo, pode-se concluir que foi um desses grandes e corajosos cristãos cujo zelo ajudou poderosamente o Apóstolo das nações na missão de levar o Evangelho aos gregos e aos bárbaros.

Aristarco foi o companheiro inseparável de são Paulo. Seguiu-o a Roma e partilhou sua prisão. É o testemunho que lhe presta o próprio são Paulo em sua carta aos fiéis de Colossos, em que diz: *«Sauda-vos Aristarco, que he meu companheiro na prisão»*.

XV

Inscrito entre os Bem-aventurados, o Martirológio Romano, a 4 de agosto, fala dele nestes termos:

> *Em Tessalônica, natividade do Bem-aventurado Aristarco, discípulo e companheiro inseparável de são Paulo, de quem ele mesmo diz ao escrever aos Colossenses: "Aristarco, meu companheiro de prisão, vos sauda." Ordenado por são Paulo bispo de Tessalônica, teve muitos combates a sofrer sob Nero e, por fim, coroado por Nosso Senhor, adormeceu na paz.*

XVI

Dessas curtas Biografias podemos tirar três conhecimentos úteis. O primeiro é a fraqueza sempre a mesma do coração humano. Excelentes cristãos, os fiéis de Corinto se deixam apaixonar por um pregador e querem fazer os outros partilhar suas preferências, a ponto de dividir-se entre si e formar partidos mais ou menos hostis. Mas são Paulo lhes mostra que agem como homens e não como cristãos. Dóceis à repreensão do Apóstolo, entram em si mesmos, reconhecem sua fraqueza, e toda divisão desaparece.

XVII

O segundo é a oposição furiosa dos ourives de Éfeso ao cristianismo. Pouco lhes importava saber se a doutrina de são Paulo era ou não a verdade. Sua indústria sofria com as suas pregações: era o bastante para persegui-lo. Ainda hoje há muitos ourives. Tais são todos os inimigos da Religião e

da Igreja. Porque o cristianismo combate suas paixões, lançam o grito de alarme e chamam as populações à guerra contra ele.

XVIII

O terceiro é a caridade de são Paulo e de nossos Pais na fé. Em meio às perseguições de que é objeto, o grande Apóstolo não esquece os cristãos de Jerusalém. Batizados os primeiros, foram os primeiros perseguidos. Maltratados, encarcerados, despojados de tudo, só tinham recursos na caridade de seus irmãos. Por eles, são Paulo fez-se irmão esmoleiro, e vemo-lo percorrendo toda a Ásia Menor pedindo esmola; e é preciso acrescentar que os cristãos responderam generosamente ao seu apelo.

XIX

Como o espírito do cristianismo é sempre o mesmo, somos, hoje sobretudo, testemunhas do mesmo espetáculo. Sob forma diferente, se quiserem, que são as três grandes obras católicas, a Propagação da Fé, a Santa Infância, a Obra Apostólica, senão a manifestação esplêndida da caridade cristã? Façamos de nos associar a essas três obras eminentemente providenciais um dever, uma glória e uma ventura. A Nosso Senhor restituiremos, nos países estrangeiros, o maior número possível de almas, em compensação das que uma impiedade sem exemplo e sem nome lhe rouba na Europa.[2]

Notas

[1] Cor. a Lap., *in Act. App.* xix, 20.

[2] Ver: Baron., *Annot. ad Martyrol.* 4 mai e 26 juill.; Cor. a Lap., *in Act. App.* xvi-xx, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:53 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:53 by Admin